

Chico César: o mestre na arte de compor a vida

Izabella Kelly Carneiro Alves¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Josineide Silveira de Oliveira²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar a metáfora da composição musical por meio das obras e vivências do artista paraibano Chico César. Esse músico demonstra a importância da arte e da inventividade no mundo. As suas composições musicais inspiraram o desenvolvimento da pesquisa e, por meio delas, conseguimos destacar os processos de criação de Chico César e como eles estão relacionados com a sua vida, suas origens e experiências plurais. O trabalho tem como interlocutores pensadores como Edgar Morin, Paulo Freire, Arthur Schopenhauer, Lídia Silmara Marton, entre outros. Chico César, em sua arte, nos ensina que a vida é uma composição contínua e renovadora. A ética e a estética fazem parte da composição da vida, a diversidade e a compreensão humana são ímpetus para tecer a composição da nossa existência. Chico ensina, por meio de sua arte, a manifestação do elo entre vida, natureza e cultura.

Palavras-chave: Chico César; Composição musical; Experiências; Arte.

Chico César: the master in the art of composing life

ABSTRACT

The present work aims to study the metaphor of musical composition through the works and experiences of the artist from Paraíba, Chico César. Chico César shows the importance of inventiveness and art in the world. His musical compositions inspired the construction of this work, and through it, we were able to highlight Chico César's creation processes, how they are related to life, his origins, and plural experiences. This essay incorporates ideas of Edgar Morin, Paulo Freire, Arthur Schopenhauer, Lídia Silmara Marton, among others. Chico César and his art, teach us that life is a continuous and renewing composition. Ethics and aesthetics are part of the composition of life, the diversity, and human understanding is the impetus to weave the composition of our existence. Chico teaches, through his art, the manifestation of the link between life, nature, and culture.

Keywords: Chico César; Musical Composition; Experiences; Art.

Chico César: el maestro en el arte de componer la vida

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo estudiar la metáfora de la composición musical a través de las obras y experiencias del artista paraibano Chico César. Este músico demuestra la importancia del arte y la inventiva en el mundo. Sus composiciones musicales inspiraron el desarrollo de la investigación y, a través de ellas, pudimos evidenciar los procesos creativos de Chico César y cómo se relacionan con su vida, sus orígenes y experiencias plurales. La obra tiene como interlocutores a pensadores como Edgar Morin, Paulo Freire, Arthur Schopenhauer, Lídia Silmara Marton, entre otros. Chico César, en su arte, nos enseña que la vida es una composición continua y renovadora. La ética y la estética son parte de la composición de la vida, la diversidad y el entendimiento humano son impulsos para tejer la composición de nuestra existencia. Chico enseña, a través de su arte, la manifestación del vínculo entre vida, naturaleza y cultura.

Palabras clave: Chico César; Composición musical; Experiencias; Arte.

¹ Mestranda em Educação Pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, RN, Brasil. Av. Gastão Mariz Faria, 555, Nova Parnamirim, Parnamirim, RN, Brasil, CEP: 59152-110. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1265-9975>. E-mail: izabellakellyc@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), Natal, RN, Brasil. Rua/Av. Miguel Castro, 1519, Lagoa Nova, Natal, RN, Brasil, CEP: 59075-740. ORCID: 0000-0002-1818-267X <https://orcid.org/0000-0002-1818-267X>. E-mail: josilveira02@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A arte possibilita que nos situemos no mundo e, por meio dela, recrutamos elementos que ressignificam a nossa vida, os meios de pensar a humanidade e as nuances de um tempo histórico em construção. Duarte Jr. (1987, p.14) argumenta que: “Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética”. A arte ganha espaço na potencialização da nossa necessidade de compreender a vida e construir conhecimentos, o que se pode conceber a partir da fruição de uma experiência estética artística.

A arte vem sendo sedimentada na presente pesquisa como um dos eixos importantes para dar significância e voz às lições que foram sendo construídas para um bem pensar. É importante enfrentar os problemas da ordem do complexo. Para isso, é necessário sair do enclausuramento da cegueira do conhecimento que se dá pela fragmentação dos saberes, redução dos problemas e da incomunicabilidade entre diferentes formas de conhecimento. Nesse movimento oposto de simplificação da realidade, trazemos a arte, especialmente a música, para a construção de um pensamento que enxerga a vida em suas múltiplas dimensões e capacidade de criação.

A música está inscrita neste trabalho como uma orquestra indissolúvel dos saberes, ampliando visões de mundo e sistematizando o fluxo do pensamento em busca de uma construção híbrida de ideias, que ora se ancora na arte, ora nos saberes da academia, tecendo diálogos profícuos. Morin, no livro *Meus demônios* (2003), descreve a arte, dentre elas a música, como necessária e marcante na sua vida, que o alimentou e também contribuiu para o seu pensamento e o possibilitou compreender situações mais profundas da existência humana e da vida. Para Chico César, a música exprime sentidos na nossa vida; ela não é apenas uma carreira, mas um dos âmagos existenciais da experiência humana. É uma atividade vivenciada coletivamente, admitindo as brincadeiras, os ensaios e o aprendizado de ouvir o próximo.

O presente artigo parte de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e teve como tema de estudo o itinerário do músico Francisco César Gonçalves, mais conhecido como Chico César. Essa escolha se justifica pelo fato do artista ser um sujeito comprometido com o seu tempo e com a justiça social, mas não somente: ele também desencadeia possibilidades para pensar o mundo de outra forma. Assim, a sua sensibilidade, compreensão da vida e subversividade são fontes inesgotáveis que servem como uma composição da vida, que circula e se refaz a todo instante na medida em que se organiza, desorganiza e problematiza as ideias.

A arte, a musicalidade e a poesia de Chico expõem, com frequência, problematizações acerca das narrativas do ser humano e dos diversos temas que fazem parte da vida, como o amor, a natureza, as culturas, a dança, as experimentações, a acidez da sociedade, a loucura, o mito, a sabedoria, a ciência, dentre vários outros. As suas composições musicais formam uma teia de reflexões que se configuram na construção de narrativas poéticas e prosaicas que se estabelecem nas dinâmicas da vida, permeadas pelo desejo de transformação e possibilidades de um mundo mais humano, crítico e reflexivo.

Por meio de Chico César pesquisamos a composição musical como uma metáfora da vida. A partir dessa matriz metafórica, sistematizamos e defendemos a composição e a poética de Chico César como um ato educativo para *pensar bem* e *viver bem*. A composição faz parte do sujeito; cotidianamente estamos compondo como quem compõe uma canção ou uma obra artística; logo, compor é demonstrar que viver é um estado de criação. Aprendemos a compor

quando somos atravessados por uma experiência, uma memória, um evento da natureza ou coisas simples que estão presentes no nosso cotidiano, mas que nem sempre percebemos com frequência.

A composição está presente não apenas na arte e não somente como um talento expresso no artista, mas ela está inscrita nas nossas vidas, pois a vida, por si, é uma composição criativa. A vida compõe, e nós compomos com a vida. Rotineiramente, estamos a tecer e a compor, sendo preciso descobrir as nossas maneiras de composição enquanto sujeitos implicados com o conhecimento e com a nossa realidade. Conceber e encarar os processos de criação e composição é sustentar a “teia da vida” (CAPRA, 2006) e compreender as nuances da condição humana.

Por meio das composições de Chico César aprendemos que compor a vida é reafirmar o compromisso com a realidade; não somente a realidade local, mas também, a realidade universal, planetária. Nesse sentido, para que haja esse diálogo potencializador, é imprescindível que se compreenda que a ciência, a escola e a vida são dimensões de aprendizagem da composição. Essa aprendizagem é construída sob o signo da comunicação que se efetiva entre os saberes. Quem compõe precisa se deslocar por outros lugares e pensamentos, tecendo uma canção híbrida, mestiça e plural, irrigada por diversas fontes de conhecimentos e contextos.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é demonstrar a metáfora da composição da vida, revelando Chico César como um mestre da composição. Identificamos e descrevemos as suas origens e pertencimentos e algumas reverberações que Chico César expressa por meio da arte, educação e cultura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Marton (2005) no seu trabalho de dissertação intitulado *Música, filosofia, formação: por uma escuta sensível do mundo*, opera por uma teia de ideias imbricadas na potencialização da música e da filosofia para nos provocar a pensar, refletir, escutar e enxergar essa expressão artística como uma mobilização de conhecimentos do humano e do mundo. A autora reflete sobre como a arte, em momentos difíceis, está presente, nutrindo-nos de tudo que ela pode nos proporcionar: a criação, o bem-estar, o alento, a capacidade de sentir as dores do planeta e vislumbrar os momentos de medo ou terror. Vale destacar, nas palavras da autora, essas provocações, nas quais ela defende que:

A dor é transfigurada pelo poder da poesia, da música, da literatura, da pintura e da escuta, que permitem que nos coloquemos diante desta realidade e a contemplamos com os olhos de um artista – com a sensibilidade de quem sofre e, ao mesmo tempo, com o distanciamento necessário para vislumbrar a beleza, a felicidade no horror da vida. Dessa forma, nos colocamos numa situação estética diante do mundo e de nossa condição existencial (MARTON, 2005, p. 39).

As nuances presentes na arte e, principalmente, na música, nos impulsionam a viver indissociado dela, vivendo um processo altamente complexo da nossa existência, capaz de tirar-nos da inércia e nos sentir implicados com o mundo, costurando uma realidade que pode ser sentida, compreendida e problematizada.

A escuta de uma música proporciona contatos com diferentes realidades, isso advém dos diálogos que a arte dispõe em diversos contextos, sedimentando caminhos que se entrelaçam na composição da vida. Esse atributo da arte reverbera para o indivíduo que entra

em contato com a obra. Schopenhauer já argumentava que “O artista nos deixa olhar com seus olhos para a realidade” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 85). Vale salientar que isso se relaciona com a capacidade que o artista tem em revelar por meio da sua obra os traços do seu ambiente e da sua personalidade

A criação de Chico César nos mostra a implicação que ele possui, que se permeia por todo um processo histórico e interligado ao seu espaço de criação. Assim, as suas composições são reflexos da sua vida, do seu tempo, da sua liberdade, necessidade de criação e expressão dessa força criativa no mundo. Salles (1998) na sua obra *Gesto Inacabado - processo de criação artística* descreve minuciosamente os processos criativos no mundo da arte, dessa forma, a autora esclarece:

O artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhes oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço que envolvem sua produção (SALLES, 1998, p. 38).

Assim sendo, na criação das composições, Chico César se nutre do seu tempo e espaço, as suas criações não são isoladas, mas vivida em um coletivo, são obras vivas que se constroem no tempo, ele compõe para si e para o outro, em uma relação que exige reciprocidade e oxigênio para continuar existindo e resistindo no tempo, essa (re) existência das suas composições permite que ele viva e continue criando, como uma obra inacabada que está sempre em construção. Salles (1998) também aponta o artista como um artesão, que desenvolve as suas obras imbricadas em processo complexo de pensar, agir, sentir e fazer.

O artista é visto em seu ambiente de trabalho, em seu esforço de fazer visível aquilo que está por existir: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão. Um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que o artista vai lhe oferecendo. A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente (SALLES, 1998, p. 38).

Destarte, a composição em Chico César envereda por essa trama citada acima, onde uma nova realidade é construída sob a visão do artista, na qual ele consegue fazer uma imersão na sua sensibilidade e expressar o que está sentindo, o que o incomoda, a sua mensagem criadora e recriadora que se tece constantemente. Assim, como na composição, a vida também pode ser vista por esse ângulo, quando de forma consciente e também inconsciente estamos criando, transformando e reinventando novas possibilidades para uma realidade mais humana e subversiva.

Salles (1998) reflete que o artista não está preocupado com o tempo do relógio, logo, ele está entregue a um tempo próprio de criação permanente, não há determinações do espaço e do tempo, mas uma criação viva/orgânica que acompanha o artista no seu caminhar. Desse modo, Chico César consegue carregar o seu ateliê vivo de composições para onde vai, tendo em vista que ele compõe à vida e em cada obra que realiza há uma renovação na sua maneira de criar.

A sensibilidade que o artista tem é imprescindível para a criação das suas obras, essa sensibilidade também afeta a quem participa de uma experiência estética. O olhar observador, por exemplo, está a todo momento na percepção do artista, refletindo de alguma maneira na sua criação. Nas obras de Chico César é proeminente, no movimento das suas composições, algum

elemento ou fato vivenciado por ele, bem como acontecimentos que o marcaram na sua infância e trajetória de músico.

Refletindo mais sobre a arte, especificamente a música, valendo entender as nuances e complexidades, é imprescindível também explorar o que está por trás dessa arte, para além do que ouvimos e apreciamos, mas também entendê-la como um operador cognitivo na compreensão mais humana do mundo e do próprio ser. Para isso, para alimentar tal reflexão, Schopenhauer que ousou construir seu pensamento filosófico também operando pelas vias artísticas, o autor incide em seus escritos:

[...] É uma arte a tal ponto elevada e majestosa que é capaz de fazer efeito mais poderoso que qualquer outra arte no mais íntimo do homem, sendo por inteiro e tão profundamente compreendida por ele como se fora uma linguagem universal, cuja compreensibilidade é inata e cuja clareza ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo (SCHOPENHAUER, 2003, p. 228).

Esse efeito poderoso que a música provoca vem das suas particularidades com relação a outras artes, a música com a sua comunicação imediata possui uma ligação íntima com o mundo, assim sendo, o compositor expressa essa ligação íntima com o mundo, ou como diz Schopenhauer “a essência mais íntima do mundo” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 233). Além disso, há uma sabedoria do compositor reverberada das suas experiências, influências e leituras de mundo.

Habitamos a vida em dois estados diferentes, o prosaico que se preocupa com as coisas práticas da vida; e o poético que corresponde as danças, cultos, poemas, música, e esses estados “Constituem, portanto, o tecido em nossa vida” (MORIN, 2005, p. 36). Embora esses estados tenham sofrido disjunção, nós habitamos na terra prosaica e poeticamente, uma interdependência que coexiste e se nutre uma da outra, não havendo prosa sem poesia e vice-versa.

Dessa forma, ao buscar obstinadamente em uma sociedade complexa, diversa e sedenta, soluções cada vez mais apressadas, é diante das descobertas (que requer tempo) que persistimos no desvelamento do novo, da criatividade, da consciência do mundo e liberdade para construir uma nova estética de um mundo “mais bonito ou menos feio, menos arestoso, em que se pudesse amar [...]” (FREIRE, 2013, p. 41). Um mundo não apenas prosaico, mas também poético.

Nesse viés, a obstinação por um mundo melhor, perpassa pela construção de um projeto de educação que culmina na sociedade. Almeida (2017) é enfática ao refletir sobre uma política aspirante da educação, por conseguinte, a autora reconhece a influência do campo educacional e defende uma sociedade compositora da recriação da educação. Em outras palavras, Almeida (2017) descreve:

Movidos pelo desejo de construção de uma sociedade-mundo arquitetada pelas forças da conjunção e não da disjunção; da solidariedade e não da competição. E da consciência da indissociação entre local e global; haveremos de nos nutrir da humildade, mas também da ousadia e de um trabalho obstinado e incansável de recriação da educação e, por meio dela, da sociedade (ALMEIDA, 2017, p. 161).

Além disso, a autora explicita a complexidade da condição humana, fomentando a questão de que por sermos sujeitos das contradições e ambiguidades, bem como pessoas que não estão isentas do erro e da ilusão, não devemos, pois, velar por um espaço de salvadores do mundo e detentores de verdades absolutas. Em vista disso, impera, portanto, o lugar da educação e o papel dos educadores, mesmo a educação não sendo a cura de todas as aflições da Terra, ela é uma condição essencial para pensar a vida e uma nova sociedade com mais ética e estética.

Nessa perspectiva, Chico César nos provoca a ressignificar diversas proposições que evocam pensamentos e ações em conformidade com uma educação para vida, pois este artista, em face das suas vivências e expressões da arte e cultura, mantém viva a própria vida, não normaliza a barbárie, mas se indigna frente à realidade exposta e nos provoca a pensar e acrescentar algo novo no mundo, bem como tentar compreendê-lo na sua infinitude.

As obras de Chico César trazem uma metamorfose diversa. Todos os seus CDs repercutem uma dimensão que manifesta a pluralidade de ritmos, arranjos, melodias, linguagens, pensamentos e estéticas tanto das canções quanto das capas dos álbuns e das performances do artista nos palcos.

Essa pulsão do diverso não surgiu na vida de Chico César sem significância. O artista é filho de mulher negra e de homem caboclo. Suas origens percorrem a descendência africana e também indígena, além da europeia. Essas marcas ancestrais são bem lembradas por ele, como sendo essenciais para que haja o diálogo com as várias culturas. O reconhecimento que Chico César cria e dissemina sobre a sua ancestralidade localiza-o no tempo e no espaço, expandindo seus horizontes, e o provoca a refletir a condição humana e o seu lugar no mundo.

METODOLOGIA

Este artigo assume uma perspectiva diferente do que se entende de método e tem como princípio às ciências da complexidade, que constrói o seu próprio método como caminho e estratégia, na qual o pesquisador formula suas ideias com base nas suas experiências, leituras e obstáculos que aparecem ao decorrer da pesquisa (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

O método não é apenas uma estratégia do sujeito, é também uma ferramenta geradora de suas próprias estratégias. O método ajuda-nos a conhecer e é também conhecimento. O método tem dois níveis que se articulam e se retroalimentam: por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação. (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003 p. 31-32).

Nesse sentido, elencamos como operadores cognitivos as obras e vida de Chico César, percorrendo pelos seus álbuns e outros trabalhos que ajudaram no desenvolvimento da pesquisa, como entrevistas, ensaios, shows, lives, redes sociais, composições recentes, dentre outros meios. Optamos por uma escuta sensível da música (MARTON, 2005), fazendo um movimento de escuta, leitura e pesquisa das composições, além da observação das performances do artista.

ANÁLISES E RESULTADOS

Chico César: origem, pertencimentos e composições

Seja pelas vivências no sítio, na loja de discos e livros, nos interiores do Brasil, nas participações dos grupos musicais, no colégio das freiras alemãs, no curso de jornalismo em João Pessoa e a chegada a São Paulo para viver da música, Chico César sempre precisou se deslocar. A sua alma de artista o levava a caminhos que ele mesmo duvidava que um dia pudesse chegar; entretanto, sua composição ao mesmo tempo intimista e cosmopolita e sua musicalidade libertária mostraram que as fronteiras precisam ser borradas para que o universo possa ser aberto e criativo aos caminhos pulsantes.

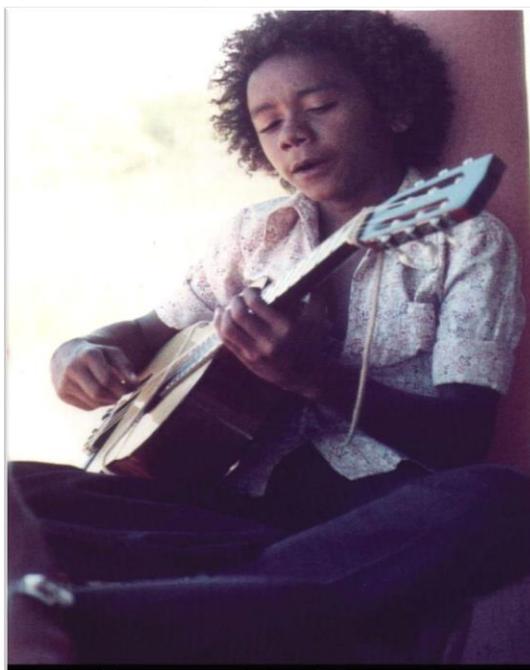
A formação de Chico César não acontece apenas na escola, mas sobretudo na rua com os emboladores de coco, os repentistas, os forrós da cidade, com as diversas leituras dos livros

e escutas dos discos na loja que trabalhava e também com as músicas que pôde ouvir tanto pelo rádio como por meio de sua mãe, cantando ladainhas, e seu pai, entoando os aboios.

Chico César nasceu em 26 de janeiro de 1964 no sítio Rancho do Povo, zona rural do município de Catolé do Rocha, estado da Paraíba. O imaginário de Chico é marcado, inicialmente, pela ruralidade, com a presença dos vaqueiros; a agricultura, que subsidiava a sua família; as chuvas e estiagens do sertão e a simplicidade da sua moradia. Além disso, havia o lúdico, onde Chico César cantava cantigas com os amigos e desfrutava das brincadeiras de rua de sua época

A Paraíba foi o lugar que Chico César nasceu e cresceu, vivendo experiências que formaram a sua personalidade e a sua alma de compositor. Em Catolé do Rocha, Chico pôde ter contato com as diferentes expressões da cultura. Fez a educação básica na escola de Freiras Alemãs, fugidas da Segunda Guerra Mundial, além disso, trabalhou em loja de discos e livros, onde teve fortes influências musicais e da literatura, participou também de grupos musicais, ganhou o seu primeiro violão e aprendeu a arte da composição.

Figura 1– Chico César aos 14 anos com o seu primeiro violão em Catolé do Rocha – PB.



Fonte: Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BwCYqTnAnbv/> >
Acesso em: 10 fev.2022.

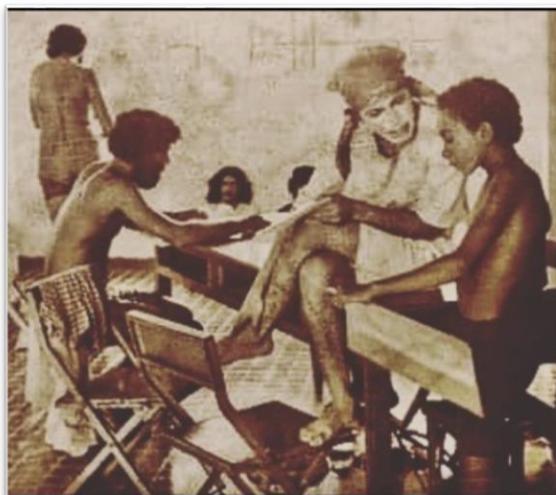
Chico César trabalhou na loja de discos e livros até os seus 15 anos de idade, período importante na sua vida. A loja *Lunick* constituiu um espaço formativo amplo, contribuindo na compreensão do mundo e da vida e servindo de fonte para formar sua música e sua personalidade. Na entrevista concedida ao artista e apresentador Ronnie Von, Chico César fala sobre a experiência na loja *Lunick*.

O meu chefe chegava de Recife com caixas de discos lacradas e quando a gente abria aquela caixa, saíam dali de dentro 25 discos e cada disco era um mundo a ser descoberto e tudo era permitido, não havia hierarquia, desde rock experimental, Pink Floyd e aquelas coisas dos aboiadores, galego aboiador era tudo junto. Isso acabou

formando a minha música e a minha personalidade. A realidade é complexa, a gente pode lançar um olhar recortado e trabalhar um recorte, inclusive pro mercado às vezes isso facilita, ‘vamos trabalhar um recorte, você é assim, porque o seu público ler você assim’, e de repente você é complexo, você vai complexificando a relação com o seu público, e você acaba formando seu público e falando para desde crianças... eu tenho muitos fãs crianças³ (CÉSAR, 2012).

Além disso, durante o período que trabalhou na loja, Chico César imergiu em vários autores da literatura e da música, dentre os principais autores da literatura temos: João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, José de Alencar, José Mauro de Vasconcelos, Erico Veríssimo, Gregório de Matos, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Clarice Lispector, Adelaide Carraro, Marquês de Sade. Chico teve contato com bandas como The Beatles, The Rolling Stones, Pink Floyd, Bee Gees, e músicos brasileiros, tais como: Caetano Veloso, Luiz Gonzaga, Teixeira, Jackson do Pandeiro, Chico Buarque, Djavan, Milton Nascimento, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé, João do Vale, Cartola, Érlon Chaves, dentre outros. Outras referências musicais que influenciaram sua composição musical foram Prince Rogers, Jimmy Cliff, Jimi Hendrix, Salif Keïta, Bob Dylan, entre outros.

Figura 2– Chico César, aos 14 anos, no grupo de teatro Chão Pó Poeira (Preparando-se para a leitura dramática de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto).



Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CG7u675g8Fu/>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

A experiência com a literatura foi marcante na vida de Chico César. Nesse período da infância e adolescência foi a época em que ele pôde mergulhar nos livros e conseqüentemente compreender a realidade e ampliar suas visões de mundo. Em decorrência dessas experiências, a literatura passou a fazer parte da música de Chico, por meio das construções de melodias em poemas de escritores como Torquato Neto, Clarice Lispector, Carlos Rennó, Bráulio Bessa, e etc. Sobre isso, na mesma entrevista, Chico César destaca que:

A literatura fornece muitos elementos para o músico, eu escuto, busco escutar as palavras do autor, escutar a música das palavras, na verdade, parece que não há música

³ Entrevista concedida ao artista e apresentador Ronnie Von, no programa Conversa a dois em 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7qpp_NRnq-g> Acesso em: 24 março 2022.

ali, porque é seco, né? Os personagens são áridos, mas tem muita música ⁴(CÉSAR, 2020).

São diversas as experiências que Chico César carrega da Paraíba, e este lugar o impulsou a se deslocar e viver outros acontecimentos que culminaram na sua carreira de músico e na potencialização da sua composição. Chico mantém sua relação com a Paraíba, deixando isso explícito na sua composição e ações com o seu estado.

Paraíba Meu Amor

Paraíba meu amor
Eu estava de saída
Mas eu vou ficar
Não quero chorar
O choro da despedida
O acaso da minha vida
Um dado não abolirá
Pois seguirás bem dentro de mim
Como um São João sem fim
Queimando o sertão
E a fogueirinha é lanterna de laser
Ilumina o festejo do meu coração

A composição supracitada destaca a condição de Chico César. O eu lírico melancólico presente na música revela a despedida da Paraíba e os sentimentos nostálgicos pelas lembranças do sertão, “Pois seguirás bem dentro de mim/ Como um São João sem fim/ Queimando o sertão”, desencadeando também pertencimentos e identidades do lugar de origem do poeta Chico César

A saudade do lugar, mas sobretudo, o pertencimento instiga Chico César a compor. Essa composição do espaço das suas origens presente nas obras do artista traduz uma realidade diferente e pouco conhecida sobre o sertão e o Nordeste. A leitura que Chico faz sobre a sua região traz uma Paraíba universal, tornando-a um lugar complexo e não fragmentado. Ele canta a comunidade, as tradições, os saberes sertanejos, o seu enraizamento e deslocamentos. Chico estuda, compreende e compõe o seu território, inventando histórias e narrando as realidades do povo paraibano.

Além dessa canção de pertencimento, há também outra composição emblemática chamada *Béradêro* que remonta essas proposições do ambiente e das origens de Chico, dentre outras reverberações.

Béradêro

Os olhos tristes da fita
Rodando no gravador
Uma moça cosendo roupa
Com a linha do Equador
E a voz da Santa dizendo

⁴ Entrevista concedida à jornalista Fabiana Pereira, no programa Papo de Música. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cVka04A3mf8>>. Acesso em 20 março 2022.

O que é que eu tô fazendo
Cá em cima desse andor
A tinta pinta o asfalto
Enfeita a alma motorista
É a cor na cor da cidade
Batom no lábio nortista
O olhar vê tons tão sudestes
E o beijo que vós me nordestes
Arranha céu da boca paulista
Cadeiras elétricas da baiana
Sentença que o turista cheire
E os sem amor, os sem teto
Os sem paixão sem alqueire
No peito dos sem peito uma seta
E a cigana analfabeta
Lendo a mão de Paulo Freire

Os versos acima trazem interrogações desconcertantes. Mostram imperativos do cotidiano que tecem a vida do artista. *Béradêro* é a primeira composição de abertura do primeiro álbum de Chico, *Aos Vivos* (1995), e desencadeia aberturas de caminhos para a centelha inicial da sua carreira como músico impregnado da cultura nordestina e ao mesmo tempo aberto a outras lições.

Foi no final de 1984, época em que Chico César estava chegando em São Paulo, que a canção foi composta. No observar de uma fita tocando as músicas de Elis Regina, o artista criou a canção, homenageando primeiramente Elis, como sendo a moça em cima do andor, costurando com a linha do equador. Ampliando a leitura e interpretação da música, Marques (2013) descreve uma narrativa pertinente sobre a moça no andor e a linha do equador, tecendo outros significados.

[...] que roupa estará cosendo a moça com a linha que divide o globo em dois hemisférios? Norte e sul, sabemos, podem indicar bem mais que distinções climáticas, guerras culturais. A linha do Equador, cruzando três oceanos, alguns estados da África, Ásia e América do Sul, se costura alguma roupa, não deve ser peça de cor única, de textura uniforme. O tecido resultando desse coser se assemelharia mais a uma colcha de retalhos, a um *patchwork*, tipo de trabalho flagrável desde os padrões geométricos da roupa de faraós até a tapeçaria de povos pré-colombianos. Micrometáfora, por fim, do próprio artista e de sua produção, ela mesma inserida em uma ampla colcha de retalhos, sonoros e visuais (MARQUES, 2013, p. 66).

A mulher cosendo a roupa vislumbra cores, formas, sentidos, linhas de várias larguras; ela também observa o lugar em que se situa e escolhe uma costura heterogênea para tecer os retalhos que estão fragmentados, dispersos e até perdidos. Para a costura acontecer, a mulher dispõe de vários saberes, ideias, criatividade e imaginação. Resquícios de um Pensamento do Sul que, conforme Edgar Morin, desafia a hiperespecialização e o acúmulo de informações e constrói saberes novos, complexos e mestiços. Essa canção é íntima e manifesta a realidade de Chico César se descolando do interior para a metrópole.

É a cor na cor da cidade
Batom no lábio nortista

O olhar vê tons tão sudestes
E o beijo que vós me nordestes
Arranha céu da boca paulista

Outras narrativas que figuram na composição constituem alusão a equidade de saberes, como menção a uma cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire, um homem que dedicou a vida inteira a combater a educação bancária e a defender uma educação problematizadora. A cigana lê a sua realidade com a sua bagagem de mundo, ensinado por meio das suas vivências ao passo que também aprende.

Ao nível humano, o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos (FREIRE, 1981 p. 72).

Desse ponto de vista, a educação é compreendida como um processo humano criativo e libertador, em que as experiências e leitura da realidade e do mundo estão presentes, tendo em vista que as pessoas não são vazias de conhecimentos, mas dispõem de um repertório cultural, de saberes da vida, do ambiente. O educador ou educadora e os educandos ou educandas são sujeitos cognoscentes, que, inseridos na sociedade, buscam a transformação da vida concreta, permeados pelo desenvolvimento da consciência crítica, por meio da ação dialógica imbuída de reflexão.

Alargando ainda mais os significados da canção *Béradêro*, esse nome denomina o Instituto Cultural criado por Chico César juntamente com a sua primeira professora de música, irmã Iracy de Almeida. O Instituto Cultural Casa do Béradêro é uma instituição não governamental, sem fins lucrativos, que viabiliza a educação de crianças e adolescentes no meio artístico, com ensino de violão, violoncelo, violino, viola, contrabaixo, flauta, teoria musical, jiu-jitsu e luteria. Sobre o Instituto, Chico César declara a importância desse espaço cultural.

Eu tive muitas oportunidades, tive muita sorte e junto com minha primeira professora de música, criei uma escola, cuja base é música, mas na verdade é uma escola de artes, que junta saberes e que pretendem dar oportunidades de contato para crianças e jovens, os contatos que eu tive, porque estava ali naquele ambiente, então, puxa, a gente tem ali 100 crianças, já foram inclusive tocar na Galícia, na Espanha, se apresentaram para a Tv Portuguesa e são maravilhosos, são ótimos músicos, tem gente indo tocar na orquestra sinfônica da Paraíba, mas mais importante do que eles se tornarem músicos é eles se tornarem pessoas boas, que já são, mas assim eles evitam se tornarem pessoas más, tem contato com o humano, literatura, com a música, com a dança ⁵(CÉSAR, 2011).

Isso posto por Chico César, do ponto de vista da complexidade, o “juntar saberes”, para Edgar Morin, significa a pertinência dos conhecimentos, assim como o enfrentamento da complexidade. O conhecimento pertinente compreende a multidimensionalidade da sociedade,

⁵ Entrevista concedida ao programa Diversidade da TV Itararé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lt1DsiArdyI>> Acesso em: 22 fev. 2022.

tendo em vista que não isola os conhecimentos, mas religa os saberes e, sobretudo, contextualiza-os. Na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin (2000) esclarece:

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade (MORIN, 2000, p. 38).

Figura 3 – Entrada do Instituto Cultural Casa do Béradêro em Catolé do Rocha – PB.



Fonte: Acervo Casa do Béradêro.

Figura 4 – Foto tirada de dentro do Instituto Casa do Béradêro



Fonte: Acervo Casa do Béradêro

O diálogo que o Instituto da Casa do Béradêro estabelece, oportuniza crianças e adolescentes a compreender melhor a complexidade da vida, permitindo situar e contextualizar o que é da ordem do local e do global, estimulando o bem pensar para o bem viver. Desse modo, como bem descreveu Chico César, “mais importante que os jovens se tornem músicos, é que eles também se tornem pessoas boas”, por meio do contato com as artes e com o ser humano.

Pode-se dizer que o Instituto Casa do Béradêro é uma escola que além de profissionalizar os estudantes na música, também concebe conhecimentos profundos da vida, que estão além dos conteúdos conceituais. O Instituto democratiza o espaço artístico, formando pessoas para a vida, criando condições favoráveis para que elas tenham uma aprendizagem mais humana e sensível.

Os olhares da composição: experiência ética e estética

Na sua poética, Chico César interpreta a sua realidade e a apresenta criticando, inventando ou ressignificando os valores culturais, étnicos e multinacionais. É com o ato de compor que ele discursa a sua poesia, fruindo seu contexto e se deslocando pelos modos de permear as suas narrativas líricas da vida em sua época. Em uma das suas entrevistas sobre música e composição, Chico descreve como ele compõe, refletindo a composição em sua vida e como os elementos da canção vão se transfigurando, dando corpo às suas criações na construção das palavras e das melodias.

Olha eu costumo dizer assim: que pra eu compor, eu tenho dois olhares, um olhar para fora, de onde vem as músicas com mais crítica sociais, com mais ritmos. “Mama África” é um uma música que é bem exemplo disso. Ela vem dessa caminhada pela rua de São Paulo, da casa que eu morava em Santo Amaro até o aeroporto de Congonhas. Eu ia buscar minha irmã Emerina, que mora em Natal, que vinha me visitar, e eu resolvi ir a pé porque era muito cedo para ir de ônibus ou de táxi e, se eu voltasse pra cama, poderia ser que eu perdesse a hora. Então eu falei: então, vou a pé. Aí, nessa caminhada desse olhar pra fora vendo as mulheres indo para o trabalho, voltando para o trabalho cedo, ali meio 7:30 da manhã, com suas bolsas, sacolas e tal, aí nasceu “Mama África”. Esse é olhar pra fora; o outro olhar é pra dentro: de onde vem as questões mais intimistas, “Saharienne”, as canções de amor, “À Primeira Vista”.

Isso que falaram para Krystal: leia mais, veja mais filmes, com o tempo, quer dizer, eu desde criança, eu desde que eu tenho 12 anos, que eu fiz minha primeira música, eu percebo esse movimento. O Gonzaguinha tem uma música que diz: a galinha bota e ela mesma se espanta de poder botar. Então, eu agora já sei quando eu vou botar, eu já sinto o ovo sendo gerado e aí eu procuro um lugarzinho pra eu ficar ali de cócoras pra botar esse ovo e tal... E aí, eu vou botando os elementos. Obviamente, quando você começa fazer uma música tipo “Saharienne”, “congelada pela câmara água de beber camará” tem tudo uma vida antes disso. É câmara porque a loja de discos que eu trabalhava era uma loja de componentes fotográficos. Câmara, Câmara Cascudo, já tinha tido uma banda aqui em São Paulo, que chamava Câmara dos Camaradas. Então, na hora de compor, você precisa estar muito atento, muito ligado, muito presente, para que a coisa venha e não seja você ser tomado por espírito que você não consegue explicar. Tem uma coisa na realidade, tem uma coisa que você não consegue explicar e tem uma coisa que é você mesmo trabalhando aqueles elementos. É como um ator em cena, só que a nossa cena é fazer a música naquela hora. Então, você tá se olhando de fora e você tá, ao mesmo tempo, trabalhando para aquilo acontecer (CÉSAR, 2020).

⁶Entrevista concedida ao músico Anderson Foca, no programa DoSol online em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YUmyDh3HFDQ>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Os dois olhares citados por Chico tornam-se essenciais e dependentes na composição das canções; eles comunicam os sentimentos de justiça, igualdade, esperança, revolta, compaixão, amor, paixão, bem como desilusão, medo, ira. Chico César dá indícios de que, para compor, é preciso o olhar de fora para se tecer a leitura da realidade e estabelecer as conexões com o mundo, mas também é necessário o olhar de dentro, que é o olhar para si, a autocrítica na compreensão dos sentimentos íntimos.

Essa forma de composição de Chico César atribui a ele uma marca de um forte compositor. Ele ensina que para compor é necessário haver esse olhar úmido da humanidade, do sentimento coletivo. Esse lugar úmido é um desafio, visto que parte de uma compreensão complexa do mundo e do ser humano. Olhar para dentro de si é fundamental para que se renovem as fontes da criação, além disso, é sentir-se responsável pela vida, pelo olhar para com o outro e por um coletivo, tecendo a teia que nos interliga ao mundo.

Uma das músicas de Chico César que remete ao olhar de fora, é a canção *Experiência*. Esta composição engendra um misto de ideias e pensamentos que a poética de Chico César é capaz de provocar. A palavra em si, que intitula a canção, instiga-nos a perguntar de qual ou quais experiências a composição se refere. As palavras em Chico César são muito importantes e o seu modo de brincar com elas e traçar jogos de palavras para ressignificar, criar ou dar outro sentido as palavras, é algo notório nas suas composições. Para Jorge Larrosa Bondía, as palavras expressam poder sob o ser humano; são elas definidoras de como nos situamos no mundo. Nas palavras do autor:

E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras (BONDÍA, 2002, p. 21).

A canção pode ser um convite para reviver as memórias ou refletir sobre as experiências e como essas se conectam com a existência e sentido da vida. Jorge Larrosa, para defender o argumento sobre as palavras, busca na palavra *Experiência* seu significado e conotações. Larrosa defende que a experiência:

[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 21).

Como ressaltou Jorge Larrosa, muitas coisas passam e poucas coisas nos tocam de verdade. É preciso que as experiências sejam percebidas, revestidas de acontecimentos imbricados na vida, para a expansão da realidade, ecoando aprendizados transmutados em gerações. Escutar a obra de Chico César, é como vivenciar as letras das canções. As experiências de Chico se transfiguram nas composições, sendo possível reviver as emoções carregadas nas canções. Os ritmos diversificados, as performances inusitadas e imagéticas completam e intensificam a experimentação; com as composições de Chico, somos reportados para vários lugares tanto reais, como imaginários. Essas experiências do artista contaminam, tocam e sucedem o deslocamento e a vontade de coabitar no tempo e espaço da canção.

É preciso uma escuta atenta, um olhar atencioso e paciência para deixar que a experiência atravesse, para que ela se torne memória e não somente um banco de informações, mas um saber tensionado a rupturas, aberturas e movimentos. Escutar as canções e descobrir o que está disposto nas composições, é cultivar a alma do artista, apreender o que faz sentido e compreender que muitas coisas não precisam de sentido para existir. Marton (2005) tece que “A música permite contemplar sentimentos a partir da percepção de suas formas que coadunam analogamente a nossa experiência” (2005, p. 20). Por isso, ouvir, desacelerar e deixar que as coisas vivam, é exaurir as determinações e a pressa de compreender. Isso é iminente para uma colheita orgânica do pensamento e das ideias livres.

A experiência estética, como um ato de contemplação da realidade que interpela uma nova forma de enxergar o mundo, conduz o artista ao estado de poesia e o mobiliza a uma ação criativa. Essa ação criativa permite o artista deslocar-se a outros lugares para acionar memórias afetivas, acontecimentos e experiências em vista de novas interpretações e formas de vida.

A arte é da ordem da liberdade. O estado de poesia é o estado de criação. A experiência estética é subjetiva e passa por aquilo que afeta o sujeito no ato da contemplação, levando-o a explorar vias da imaginação.

Morin (2017) argumenta que a arte e a estética propiciam o conhecimento, na medida em que “[...] a arte e a estética alimentam o imaginário por meio do real e o real por meio do imaginário (MORIN, 2017, p.103)”. Isso porque as artes exprimem o pensamento, provendo a estetização do real pela gestação do imaginário e da criatividade.

A experiência estética permite o ser humano construir uma ética do viver, pois o aproxima dos seus pertencimentos pela compreensão. Assim, essa construção estética revitaliza a humanidade, ao passo que problematiza e dá sentido à existência, explorando os diversos campos do conhecimento, reverberando, portanto, a abertura do pensamento.

Reportando a canção *Experiência* de Chico César, a partir dela, é possível delinear e sistematizar significados válidos a serem trabalhados. Diversas podem ser as leituras e interpretações para esta canção; uma delas se configura na cosmologia, contradições, símbolos religiosos e xamanismo. A canção remete a um mistério questionável, movimenta os sujeitos para a criação do Universo, da vida e, provoca as indagações à ciência e aos limites do ser humano, assim como do próprio conhecimento “Até que ponto resistem/ A lógica e a razão Já que nas coisas existem /Coisas que existem e não? Sobre conhecimento, ignorância e mistério, Morin (2020) defende:

[...] os fabulosos progressos dos conhecimentos científicos revelaram constantemente camadas cada vez mais amplas e profundas da ignorância; a nova ignorância é diferente da antiga, que vem da falta de conhecimentos; a nova surge do próprio conhecimento. Antigos mistérios, como o da natureza da nossa realidade, foram revivificados pela microfísica e a astrofísica. Nos fundamentos do nosso universo, os avanços da microfísica revelaram uma sub-realidade na qual tempo, espaço e localização desapareceram (MORIN, 2020, p. 17).

O conhecimento humano tem avançado, evidenciando uma ideia de progresso; entretanto, esse progresso científico guarda em si uma circularidade das ideias, que são marcadas pelos desvios, limites e mistérios. À medida que o conhecimento prospera, mais finda-se as incertezas e também a ignorância de que o que se sabe é apenas uma ponta do iceberg. Compreender esta ideia não é simples e as mudanças das nossas visões de mundo são inerentes à vida e influenciada pela construção do conhecimento científico ou não, e cabe aos

indivíduos não desprezar a crítica de que novas questões respondidas geram mais indagações e também desconhecimento. Seguem alguns versos da composição *Experiência*.

Experiência

Chico César

Era uma vez num verão,
Num dia claro de luz,
Há muito tempo, um tempão,
Ao som das ondas azuis.
Era uma luz, um clarão,
Um insight num blecaute.
Éramos nós sem ação,
Como quem vai a nocaute.
Era uma revelação
E era também um segredo;
Era sem explicação,
Sem palavras e sem medo
Era uma contemplação
Como com lente que aumenta;
Era o espaço em expansão
E o tempo em câmara lenta.
Era tudo em comunhão
Com o um e tudo à solta;
Era uma outra visão
Das coisas à nossa volta
E as coisas eram as coisas:
A folha, a flor e o grão,
O sol no azul e depois as
Estrelas no preto vão.
E as coisas eram as coisas
Com intensificação,
Que as coisas eram as coisas
Porém em ampliação
Era como se as víssemos

Como bem descreve os versos da composição da canção, os seres humanos vivem em um mundo imbricado pelas experiências que começam no cosmo, nas questões investigadas sobre a origem da vida e do Universo. A música interroga os problemas essenciais da ordem cosmológica; ela aborda a curiosidade construída pela nossa identidade forjada no Universo, na qual somos conectados pelos acontecimentos que nos movem, bem como pelo mistério, enigmas, contraposições e criações.

Nesse Universo em expansão permeado pelas ciências, saberes artísticos, saberes da tradição e etc., a composição da vida revela-se como uma linha tênue importante para a compreensão de mundo. Dessa forma, esses espaços de conhecimento é um lugar de compor a vida em aliança com as nossas experiências, da mesma forma com o tempo em que as vivências acontecem. Quando uma ideia de mundo é abandonada por não ser mais sustentada pelos paradigmas, compõe-se outras constelações de ideias que vão ganhando substância na tentativa de vislumbrar o inesperado, o desconhecido.

Assim, para alargar esse pensamento, o estado de poesia faz-se presente para ampliar as experiências e intensificar a qualidade do tempo presente. *Estado de poesia* referencia mais uma canção de Chico César, sendo essa intimista, o olhar de dentro do artista.

O estado de poesia vivenciado por Chico começa no amor, nos afetos, no sentimento fraterno que ele sente pela vida, pela arte, a natureza e as pessoas. Esse sentimento se expressa, principalmente, pela sua composição, aspirando caminhos construídos pela necessidade de amar e imergir no estado poético da vida. A arte de Chico possibilita conduzir a humanidade para um lugar com mais alento e bem-estar, com menos destruição e sofrimento, pois ela direciona o espírito à fraternidade e também transfigura a dor em poesia. Sobre prosa e poesia, Morin argumenta que:

A vida é uma alternância da prosa repetitiva e fria que nos coage e da poesia que nos aquece, inflama e nos faz unir os espíritos. A poesia da vida comporta também momentos de encantamentos no coração do cotidiano, diante de uma pequena flor que brota na neve, de uma borboleta que voa em estado de embriaguez, de um visto de relance no metrô, da escuta de uma canção e, é claro, diante de qualquer bela música, que é poesia sem palavras (MORIN, 2010, p. 330).

A poesia aumenta a qualidade de vida das pessoas, ela metamorfoseia a forma de viver, enriquecendo o espírito, trazendo o maravilhamento do dia a dia, permitindo que o ser humano contemple o encantamento da natureza, da arte que cria e do que parece corriqueiro. Sem a poesia, a vida perde sua magia e a prosa torna as pessoas apáticas, submetidas a viver a vida no automático, sem perceber o que as contagia e as movimenta a querer existir. Para Morin (2020, p.92), “O estado de poesia constitui a aspiração mais profunda do ser humano”. Ou seja, esse estado, que Morin denomina de “estado alterado”, traz a felicidade, o gozo, o êxtase, sendo vivenciado através da arte, da natureza, da comunhão entre as pessoas e etc.

A canção *Estado de poesia* de Chico César representa a abundância de sentimentos que elevam a alma, que tecem caminhos para o amor que se precede pela compreensão humana. No estado de poesia, traça-se uma ética de viver em sintonia com o conhecimento profundo da humanidade e a percepção da realidade. Esse estado emerge a teia do ecossistema, funde a necessidade de sensibilizar-se pela vida que corre entre os lugares em que a natureza está presente, ou seja, é um estado universal e de conexão com a existência das coisas vivas e não vivas, sustentadas pela riqueza da criação.

Estado de Poesia

Chico César

Para viver em estado de poesia
Me entranharia nestes sertões de você
Pra me esquecer da vida que eu vivia
De cigania antes de te conhecer
De enganos livres que eu tinha porque queria
Por não saber que mais dia menos dia
Eu todo me encantaria pelo todo do seu ser
Pra misturar meia noite meio dia
E enfim saber que cantaria a cantoria
Que há tanto tempo queria
A canção do bem querer

É belo vês o amor sem anestesia
Dói de bom, arde de doce
Queima, acalma Mata, cria
Chega tem vez que a pessoa que enamora
Se pega e chora do que ontem mesmo ria
Chega tem hora que ri de dentro pra fora
Não fica nem vai embora
É o estado de poesia

Chico César compôs essa canção no momento em que retorna à Paraíba como gestor público da cultura. O tempo que esteve ausente dos estúdios e se situado em outros espaços representados pela parte poética do seu estado Paraíba, como também pela prosa representada pelas demandas administrativas do seu cargo público, findou no artista um novo olhar para o ambiente que ocupava. A ampliação dos seus espaços e as metamorfoses que viveu durante os anos como gestor, oportunizaram a Chico César um encontro sagrado com seus estados poéticos.

As experiências de aprofundar-se nos interiores do estado da Paraíba, o contato com as comunidades, com as expressões artísticas, com outras vozes, a nova paixão que se findou em seu casamento, reverberaram em Chico César uma explosão de sentimentos e abundância de criação. Foi no estado de poesia, no seu tempo de amadurecimento e aberturas para novas experiências que Chico semeou a sua composição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto primeiramente rural e depois urbano, Chico César traz, no seu imaginário, a leitura do mundo, ecoando os seus espaços, as suas origens e seus pertencimentos. Suas obras são um mapa aberto para compreender a vida, a história e a condição humana.

A composição da vida foi tecida por Chico César, que nos apresentou com a dádiva de aprender e de ensinar a compor. Seja por necessidade, vontade ou esperança, a composição da existência se manifesta como a compreensão da humanidade que subjaz a consciência de si e do mundo. O artista nos convoca a construir a composição musical com a da vida e, para isso, a leitura da realidade e a de si mesmo tornam-se as substâncias primorosas no arranjo de uma boa canção.

Nesse sentido, o artista nos ensina a grande lição da composição. É por meio dela que ele consegue dialogar com o mundo, manifestar o seu amor, os descontentamentos, a resistência e a sua liberdade. A vida é uma composição porque ela se constrói no dia a dia, na renovação do viver. Por isso, como seres partes da natureza, somos conseqüentemente a composição pulsante da criação e da existência. Essas são proposições que Chico César expõe, trazendo a arte como fonte primária da sua expressão no mundo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. de. **Ciências da complexidade e Educação**: razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: Editora EDUFRN, 2017.

CAPRA, F. **A teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos seres vivos. 8º ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.: Acesso em: 08 jan. 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 3º ed. Campinas: Editora Papirus, 1994.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

MARTON, S. L. **Música, filosofia, formação**: por uma escuta sensível do mundo. Dissertação (Mestrado)2005. – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14228>. Acesso em: 03 jan. 2022.

MARQUES, M. F. **Uma moça cosendo roupa com a linha do Equador**: palavra, som e sentido em Chico César. 2013. 133f. tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Alagoas 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1833>. Acesso em: Acesso em: 03 jan. 2022.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, E.; CIURANA, E.-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

MORIN, E. **Meu caminho**: entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. **Meus demônios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **O método 6: ética**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação Do futuro**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesco, 2000.

MORIN, E. **Sobre a estética**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Pró-saber, 2017.

SALLES, C. A. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Editora Fapesp: Annablume, 1998.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do belo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Submetido em: 09 de março de 2022.

Aprovado em: 11 de abril de 2022.

Publicado em: 12 de maio de 2022.

Como citar o artigo:

ALVES, I. K. C.; OLIVEIRA, J. S. Chico César: o mestre na arte de compor a vida. **Revista de Matemática, Ensino e Cultura - REMATEC**, Belém/PA, v. 17, n. 40, p. 74-93, Jan.-Abril, 2022. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2022.n40.p74-93.id506>